

O Livro das Sombras – de Luciano Figueiredo

Por Renato Rezende

No centro de tudo, o mistério. O livro único, de sombras e luzes, texto anterior às palavras, poesia em potência – o **objeto**. “O Livro das Sombras”, de Luciano Figueiredo, é o cerne irradiador de significados e imagens que compõe a exposição que abrange todos os espaços expositivos do instituto Oi Futuro em Ipanema, que já possui do artista, em seu acervo, o livro-objeto “Oráculo”. O objeto exposto não é o primeiro “Livro das Sombras” criado pelo pintor Luciano Figueiredo. Senhor de uma trajetória original e independente dentro da história da arte no Brasil, esteticamente ligado ao concretismo, mas inaugurador de um concretismo impregnado de afeto e introspecção – ou seja, de *tempo* (e não apenas de investigações espaciais), Luciano Figueiredo fabricou seu primeiro livro-objeto, que hoje pertence ao acervo da biblioteca do CCBB no Rio de Janeiro, na década de 1970. Ambos os livros são pedras de toque na obra do artista. O que é um livro? “O Livro das Sombras” é uma narrativa. Conta, como se fosse um rio de imagens, ou um fluxo de murmúrios sem palavras, a história de uma vida. Mas uma vida depurada de suas horas: apenas *vida*, em estado de potência. “O Livro das Sombras”, produzido entre Nice e o Rio de Janeiro, em 2007 e 2008, nasce do mundo, sua origem é o jornal (elemento recorrente, quase uma obsessão, na obra de Figueiredo). Protegido dentro de uma vitrine, inalcançável ao corpo do espectador, a um só tempo remoção e redução do mundo e semente viva de onde tudo emana (toda a exposição, com suas imagens, sons e palavras), está o **livro-objeto**: logo na primeira página, como se fosse um sumário, recortes dos nomes dos jornais (como “Le Monde” e “New York Times”), com suas datas, de onde foram retiradas as tiras abstratas de luzes e sombras que serviram como ponto de partida para o minucioso trabalho do artista. São 68 páginas densamente trabalhadas: *chiaroscuros* que desvelam figuras geométricas, cores pastéis metódica e sutilmente introduzidas (um azul, seguido de um salmão, um amarelo que por sobreposição se transforma mais tarde em verde), recortes, colagens, lâminas e lentes, e por fim, um poema. Este poema, no próprio corpo do objeto, e escrito especialmente para ele, compondo-o, é de autoria de Antonio Cícero. “O Livro das Sombras”, sendo uma obra da *vida* e, portanto, impregnada de afeto, procura pelo outro, quer se doar e gerar mais vida; demanda transbordar. Como se a obra fosse

constituída de dois momentos, um de contração e outro de expansão, que por força da poesia se tornam simultâneos, Luciano Figueiredo abre seu trabalho para outros artistas, amigos que se utilizam de outros mediums e suportes, num diálogo que experimenta, no caso desta exposição, a confluência da pintura, do cinema e da poesia, constituindo uma obra de instalação única. Além do poema de Cícero, que ocupará também o espaço da vitrine do corredor de entrada do Oi Futuro em Ipanema, constituindo, portanto, a quarta edição do Projeto Poesia Visual – idealizado pelo curador Alberto Saraiva como talvez o único espaço para a poesia visual no país, uma iniciativa digna de todos os aplausos – a instalação é formada por vídeos. Os artistas André Parente (autor, cabe lembrar aqui, pela ressonância com a presente exposição, que explora a arte num *corpo* ampliado, da belíssima vídeo-instalação “Entre-imagens”, de 2004, sobre o conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa) e Kátia Maciel elaboram o conteúdo do inacessível e misterioso livro de Luciano Figueiredo, revelando-o, nos vídeos “O filme-livro” e “O livro-filme”, como se fossem páginas de um livro virtual sendo projetadas na parede: o livro como material já não mais corpóreo, e sim mental, e assim devolvido ao mundo.